



***PEDOFILIZAÇÃO E SCRIPTS DE GÊNERO: O QUE PODE A PRODUÇÃO
TEÓRICA DE UM GRUPO DE PESQUISA?***

***PEDOFILIZACIÓN Y GUIONES DE GÉNERO: ¿QUÉ PUEDE HACER LA
PRODUCCIÓN TEÓRICA DE UN GRUPO DE INVESTIGACIÓN?***

***PEDOPHILIZATION AND GENDER SCRIPTS: WHAT CAN THE
THEORETICAL PRODUCTION OF A RESEARCH GROUP DO?***

*Cristiano Eduardo da Rosa*¹

*Jane Felipe*²

*Jackson Ronie Sá-Silva*³

RESUMO

Neste artigo apresentamos algumas contribuições teórico-metodológicas do eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, inserido na linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, vinculado ao PPGEdU/FACED/UFRGS, em articulação com dois grupos de estudos, o GEERGE e o GEIN. A partir da análise documental, buscamos trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses que referenciassem as possíveis colaborações desses grupos. Os resultados apontam que, em duas décadas de existência (2001-2021), o eixo vem se destacando pela produção dos conceitos de pedofilização e *scripts* de gênero, com um número significativo de trabalhos. As análises mostram ainda a importância das articulações com graduação e pós-graduação, por meio da extensão e ensino, estabelecendo uma rede de interlocuções, resultando na criação de outros grupos de pesquisa. O estudo também evidencia a importância do investimento das temáticas corpo, gênero e sexualidade na formação docente, em especial no que tange a Educação Infantil e as infâncias.

¹ Mestre em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

² Doutora em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Doutor em Educação. Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Scripts* de Gênero. Pedofilização. Sexualidade. Infâncias.

RESUMEN

En este artículo presentamos algunas contribuciones teórico-metodológicas del eje temático Infancias, Género y Sexualidad, inserto en la línea de investigación Educación, Sexualidad y Relaciones de Género, vinculada al PPGEdU/FACED/UFRGS, en articulación con dos grupos de estudio, GEERGE y GEIN. A partir del análisis documental, buscamos trabajos de conclusión de cursos, disertaciones y tesis que hicieran referencia a las posibles colaboraciones de estos grupos. Los resultados muestran que, en dos décadas de existencia (2001-2021), el eje viene destacándose para la producción de los conceptos de pedofilización y guiones de género, con un número importante de obras. Los análisis también muestran la importancia de la articulación con graduación y posgraduación, a través de la extensión y la docencia, estableciendo una red de interlocuciones, resultando en la creación de otros grupos de investigación. El estudio también destaca la importancia de invertir en los temas de cuerpo, género y sexualidad en la formación docente, especialmente en lo que se refiere a la Educación Infantil y las infancias.

PALABRAS-CLAVE: Guiones de género. Pedofilización. Sexualidad. Infancias.

ABSTRACT

In this article we present some theoretical-methodological contributions of the thematic axis Childhoods, Gender and Sexuality, inserted in the line of research Education, Sexuality and Gender Relations, linked to PPGEdU/FACED/UFRGS, in articulation with two study groups, GEERGE and GEIN. From the documental analysis, we searched for course conclusion works, dissertations and theses that referenced the possible collaborations of these groups. The results show that, in two decades of existence (2001-2021), the axis has been standing out for the production of the concepts of pedophilization and gender scripts, with a significant number of works. The analyzes also show the importance of articulation with graduation and postgraduation, through extension and teaching, establishing a network of interlocutions, resulting in the creation of other research groups. The study also highlights the importance of investing in the themes of body, gender and sexuality in teacher training, especially with regard to Early Childhood Education and childhoods.

KEYWORDS: Gender Scripts. Pedophilization. Sexuality. Childhoods.

* * *

Para iniciar o diálogo: breve histórico de uma produção

A instalação de grupos e/ou linhas de pesquisa, no contexto de um programa de pós-graduação vinculado às Instituições de Ensino Superior, vai além de uma reunião de pesquisadores/as que se voltam para temáticas em comum. Em geral, seus/suas integrantes atuam em diferentes instâncias como articuladores/as desses saberes compartilhados, cuja produção passa pela indissociabilidade entre ensino, pesquisa e

ações de extensão, envolvendo ainda, em muitos casos, questões de gestão administrativa. Todos esses aspectos que se entrelaçam e constroem novos conhecimentos, tensionando e recriando teorizações, contribuem de forma significativa para a ampliação e qualificação de diferentes campos de saber.

Neste artigo, apresentamos algumas das principais contribuições do eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, inserido na linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu/FACED/UFRGS), demarcando também sua articulação com dois grupos de estudos da mesma instituição: o GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero) e o GEIN (Grupo de Estudos em Educação Infantil e Infâncias).

Nas últimas décadas foi possível observar a criação de inúmeros grupos de estudos e pesquisas, de distintos campos do conhecimento, preocupados em discutir temáticas sobre corpo, gênero e sexualidade. De acordo com o levantamento feito por Thaís Dias Medeiros (2018), realizado por meio da base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DPG) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), havia naquele ano no Brasil um total de 236 instituições que possuíam grupos e linhas de pesquisa sobre Estudos de Gênero.

Como observam as pesquisadoras Maria Eulina Pessoa de Carvalho e Glória Rabay (2015), a década de 90 do século XX foi um marco na pesquisa educacional brasileira, pois o conceito de gênero começou a ter maior visibilidade. Uma das propulsoras desse vigor acadêmico em torno da temática no campo da Educação foi a professora e historiadora Dra. Guacira Lopes Louro, fundadora do GEERGE no ano de 1990 e da linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero* no ano 2000.⁴

⁴ Embora a linha de pesquisa tenha sido criada em 2000, em parceria com a professora Dra. Dagmar Meyer, inicialmente com o nome *Educação e Relações de Gênero* (somente mais tarde foi acrescentada a palavra Sexualidade), antes disso a professora Guacira Louro já atuava com a temática de gênero, orientando trabalhos e promovendo discussões sobre o tema, como é possível perceber na carta encaminhada ao PPGEdu, solicitando autorização para criar uma nova linha de pesquisa: Nessa primeira etapa (de 1989 a 1999), todas as atividades foram realizadas sob a responsabilidade de Louro. A partir de 2000, com o ingresso de Meyer no quadro de docentes do PPGEdu, ampliou-se a oferta, com o desenvolvimento, no primeiro semestre letivo, do seminário avançado “Pedagogias do corpo e da saúde” e a leitura dirigida “Corpo, diferença e identidade”. Nos primeiros anos de existência da linha de pesquisa, havia quatro eixos temáticos, a saber: *Gênero, Sexualidade e Educação*, coordenado pela Dra. Guacira Louro até 2011; *Políticas de Corpo e de Saúde: gênero, raça e nacionalidade*, coordenada pela Dra. Dagmar Meyer até 2018; *Infâncias, gênero e sexualidade*, coordenado pela Dra. Jane Felipe; e *Masculinidade, gênero e sexualidade*, coordenado pelo Dr. Fernando Seffner. No entanto, com a

Na carta endereçada à Comissão Coordenadora do PPGEduc/FACED/UFRGS para apresentar e propor a criação de uma nova Linha de Pesquisa, datada de 10 de maio de 2000, temos os seguintes argumentos, que mostram já a existência de uma vasta produção:

Trata-se, na verdade, de dar visibilidade a uma linha de investigação e ensino que, já há alguns anos, vimos desenvolvendo neste Programa. Efetivamente, desde 1989, essa temática vem aparecendo na grade de ofertas do PPGEduc, por nossa iniciativa. Inicialmente, os seminários avançados e as leituras dirigidas tinham como foco “Mulher e educação” (em 1989 e 1990); a partir de 1991, já apresentavam na súmula e no título a expressão “gênero”, refletindo a caminhada teórica que empreendíamos. Assim, em 1991, foi oferecido o seminário avançado “Educação e relações de gênero”; em 1993, “História da educação brasileira na perspectiva do gênero”; em 1994, “História, educação e gênero”; em 1996, “Educação e gênero”. A partir de 1997, acrescentávamos a dimensão da sexualidade, com o seminário “Gênero, sexualidade e educação” (esse não apenas desenvolvido nas aulas regulares do PPG, mas também numa *versão virtual*, via internet, o que permitiu seu acompanhamento por estudantes de outros estados do Brasil). Em 1998, desenvolvemos o seminário avançado “Pedagogias da sexualidade” e em 1999, “Pedagogias culturais: gênero e sexualidade”. Além desses seminários avançados, várias leituras dirigidas, voltadas para a teorização e a metodologia específica desse campo, foram oferecidas.

A significativa produção acadêmica da referida professora tem servido de referência para muitos trabalhos produzidos até então, como por exemplo, o livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* (LOURO, 1997), que mesmo nos dias atuais se configura como um marco da disseminação da perspectiva de gênero na área da Educação e na formação docente (VIANNA; UNBEHAUM, 2004).

A tese de doutorado de Natascha Helena Franz Hoppen, intitulada *Retratos da pesquisa brasileira em estudos de gênero: análise cientométrica da produção científica* (2021), analisa a produção científica brasileira em estudos de gênero a partir de artigos de pesquisadoras e pesquisadores vinculados a instituições no Brasil, reafirmando a importância dos anos 1990, quando houve um aumento significativo no número de

aposentadoria das duas primeiras professoras, a linha de pesquisa conta atualmente apenas com os dois últimos eixos temáticos.

trabalhos, muitos deles produzidos por novas pesquisadoras/es vinculadas/os às Ciências Humanas.⁵

Outro ponto importante a considerar, desta vez em relação à criação do GEIN⁶, que data de 1996, é o fato dele também abrigar o tema de gênero, sexualidade e infância, além de outras questões importantes, como políticas públicas e a qualidade na Educação Infantil, arte, literatura, relações étnico-raciais e currículo. Composto por professoras (permanentes e aposentadas) da área de Educação Infantil da Faculdade de Educação, mestrandas e doutorandas da Linha de Pesquisa *Estudos sobre Infâncias* e da Linha de Pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, especialmente no eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade*, bem como estudantes de graduação da Iniciação Científica, o referido grupo também possui uma significativa produção acadêmica ao longo de sua trajetória.⁷

Ao escolher analisar algumas dessas produções, mostrando a articulação entre eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade*, inserido na linha de pesquisa, com o GEERGE e o GEIN, consideramos o fato deles serem um dos mais antigos e produtivos grupos de pesquisa no campo da Educação, estando, sob muitos aspectos, alinhados ao investimento da formação docente, inicial e continuada, em especial na Educação Infantil e no debate sobre as infâncias.

Destaca-se, nessa produção teórica, o conceito de pedofilização, que discute a erotização dos corpos infantis, e a ideia de *scripts* de gênero, criados no âmbito acadêmico do grupo. Tais concepções têm sido compartilhadas e amplamente discutidas em palestras, cursos de formação continuada e inicial, em disciplinas da graduação, dentre as quais destacam-se *Educação sexual na escola* (disciplina eletiva que se tornou mais tarde obrigatória, com a nova reforma curricular do curso de Pedagogia da UFRGS, passando a se chamar *Gênero e Sexualidade na Educação*), assim como nos seminários de pós-graduação, além de atividades ligadas à extensão universitária.

Tal escolha também se deu por observarmos a capacidade de incentivo para a criação de novos grupos de estudos em outras instituições, tais como: o GEDD – Grupo de Estudos em Gênero, Diversidade(s) e Direitos Humanos da Universidade Estadual de

⁵ A produção analisada pela autora toma como base textos indexados na base de dados 1Findr publicados até 2019. A pesquisadora ainda destaca que a partir da década de 90 são inauguradas as duas primeiras revistas científicas brasileiras especializadas na área: *Revistas Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*.

⁶ O GEIN foi criado pelas professoras Jane Felipe, Leni Dornelles, Maria da Graça Horn, Maria Carmen Barbosa, Maria Isabel Bujes, Gladis Kaercher e Maria Celina Amodeo. A história da criação do grupo está disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gein/pagina-exemplo>>. Acesso em: 15 maio 2022.

⁷ Muitas dessas produções podem ser vistas no livro *Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação* (FELIPE; GUIZZO; BECK, 2013)

Alagoas (UNEAL); o NÓS – Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal Santa Catarina (UFSC); e o NEPGS – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Gênero e Sexualidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Todos esses grupos aqui referidos têm em comum o fato de possuírem um caráter multi/interdisciplinar, interinstitucional e acadêmico, composto por professores/as universitários/as que, de alguma forma, passaram pelo GEERGE e pelo GEIN, sendo os propositores da criação de outros grupos em suas próprias instituições de origem.

Também podemos observar, na constituição desses grupos de estudos e pesquisas, as seguintes características e objetivos: estimular e incentivar reuniões de estudos, orientações e pesquisas sobre as temáticas de gênero, sexualidade, infâncias, juventudes e formação docente, a partir da perspectiva teórica dos Estudos de Gênero, dos Estudos Queer e dos Estudos Culturais; contribuir para o desenvolvimento de pesquisas no campo da Educação, a partir das demandas e necessidades locais, estaduais e nacionais, firmando um compromisso ético no combate às desigualdades de gênero e sexualidade; promover o envolvimento entre a universidade e a sociedade; construir ações que promovam a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, cumprindo assim o papel que cabe às universidades de desenvolver e integrar as dimensões social, cultural, institucional e interinstitucional; promover cursos, palestras e prestar assessorias para escolas, secretarias de educação e demais instituições interessadas sobre o tema, numa perspectiva interseccional; estabelecer e consolidar parcerias com outros grupos de pesquisa locais, nacionais e internacionais; promover e incentivar cursos de extensão, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado no âmbito da universidade.

Para além da participação direta ou indireta na construção de tais coletivos, o referido eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade* tem estabelecido um profícuo e permanente diálogo com outros/as pesquisadores/as, com inserções e parcerias internacionais.⁸ Além disso, cabe ainda destacar a inserção significativa de professores/as e gestores/as do Ensino Básico, especialmente da Educação Infantil, que

⁸ Dentre as parcerias e inserções internacionais, destacam-se: acordo de cooperação técnica com a Universidad de Extremadura, na Espanha, com a participação da professora Dra. Carmen Galet e o professor Dr. Francisco Javier Muriel; encontro com a professora Dra. Poh Choo Tan (Simon Fraser University, no Canadá), que discutiu Alfabetização científica com crianças pequenas: uma imagem das meninas em STEM (2017); Seminário Especial sobre a Educação Infantil no Japão, com a participação da professora Dra. Kahori Yokota (Tsuda College, Japão); Seminário Especial para discutir a narratividade, visualidade e textualidade africanas contemporâneas, com a presença do escritor moçambicano Pedro Pereira Lopes.

problematizam suas práticas pedagógicas em torno das questões de gênero e sexualidade (BELLO, FELIPE, 2019).

Escolhas metodológicas e a visibilidade da produção acadêmica

Como meio de embasar nossas discussões aqui neste trabalho, além das questões elencadas anteriormente para justificar nossas escolhas, operamos com um levantamento de produções acadêmicas no Lume⁹, repositório digital da UFRGS para trabalhos acadêmicos como dissertações e teses, assim como um mapeamento de outros estudos que mencionam o GEERGE e o GEIN, que destacam suas importâncias no campo dos Estudos de Gênero no Brasil. Desta forma, podemos analisar a produção acadêmica veiculada pelo GEERGE, pela linha de pesquisa e pelo eixo temático, pois esses grupos de pesquisa têm sido referências no cenário nacional, o que justifica suas escolhas no escopo deste trabalho.

Cabe ainda mencionar a importância da atuação do GEERGE no movimento da articulação como Grupo de Estudos em 2003 até a sua instituição em 2005 do Grupo de Trabalho 23: Gênero, Sexualidade e Educação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd). Tal questão fica evidente no livro *Produção de conhecimento em gênero, sexualidade e educação: subversões, resistências e reexistências* (DAL'IGNA; POCAHY, 2021), que reúne trabalhos apresentados no GT, divulgando as trajetórias do grupo, suas apostas teóricas e metodológicas e também os princípios ético-políticos colocados em movimento em quase duas décadas.¹⁰

Ao longo de vinte anos (2001-2021), foram desenvolvidos amplos projetos de pesquisa, comumente nomeados de projetos “guarda-chuva”, dentro do eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade*¹¹, que abarcam vários outros projetos de pesquisa, em forma de dissertações e teses, além dos trabalhos de conclusão de curso da graduação e

⁹ Cabe salientar que o Lume ocupa o segundo lugar mundial no *ranking* dos repositórios institucionais. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/lume-conquista-segundo-lugar-mundial-em-ranking-de-repositorios-institucionais>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

¹⁰ Importante também salientar que o GEERGE foi o grupo que mais apresentou trabalhos nas sete primeiras reuniões do GT 23, influenciando diretamente na produção de pesquisas nesse campo (FERREIRA; KLUMB; MONTEIRO, 2013).

¹¹ Este eixo temático foi criado e até hoje é coordenado pela professora Dra. Jane Felipe, que possui cerca de 55 artigos publicados em periódicos e 50 capítulos de livros. Sua produção acadêmica foi evidenciada no capítulo de livro *Infância, Educação Infantil e Educação Sexual* (SÁ-SILVA; SILVA, 2018). Cabe ainda salientar que, nos limites deste texto, não serão explorados aqui outros conceitos e teorizações produzidos pelo grupo de pesquisa, como a questão da oitava jornada de trabalho da mulher (ROSA; FELIPE, 2019).

de cursos de especialização – um em Educação, Sexualidade e Gênero (2009 a 2011) e outro em Docência na Educação Infantil (2012 a 2014).¹²

Desse modo, os projetos de pesquisa versaram sobre diversos temas, como o governando mulheres e crianças; gênero e sexualidade nas escolas infantis; o cuidado infantil e a cidadania feminina, entre outros. Atualmente a pesquisa em curso intitulada *Ignorar para acobertar ou informar para proteger? Scripts de gênero e sexualidade na prevenção das violências contra crianças* (2020 – Atual), busca discutir e analisar o problema da violência contra crianças, em seus mais diversos aspectos, em especial a violência sexual e os maus-tratos emocionais cometidos contra elas, com aporte de referencial teórico baseado nos Estudos de Gênero, nos Estudos da Sexualidade e nos Estudos Culturais, alinhados à perspectiva pós-estruturalista de análise.

Ao investigarmos a produção gerada a partir de cada uma dessas pesquisas, fica evidenciada a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, pois há diversos trabalhos a nível de Iniciação Científica, monografias de graduação, trabalhos de conclusão de cursos de especialização, dissertações, teses e relatórios de pós-doutorado. No que se refere aos aspectos quantitativos, temos então o seguinte panorama: 24 trabalhos de conclusão de curso (14 de graduação e 10 de especialização); 25 produções de pós-graduação (16 dissertações e 9 teses) e 6 relatórios de pós-doutorado.

Gabriela da Silva Santos (2015), em seu trabalho de conclusão de curso em Pedagogia pela Unicamp intitulado *Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil e sua presença nas produções acadêmicas*, realizou um levantamento em um banco de dados com 134 títulos entre teses, dissertações, trabalhos e artigos. Em seus resultados, as professoras Guacira Louro, Jane Felipe e Dagmar Meyer aparecem entre as autoras com maior predominância de citações nessas produções.

Já no trabalho de conclusão de curso em Biblioteconomia *A produção científica sobre estudos de gênero no repositório digital da UFRGS: um estudo bibliométrico*, Thaís Dias Medeiros (2018) também aponta o GEERGE como um dos grupos pioneiros

¹² O projeto do Curso de Especialização em Educação Infantil foi elaborado em 2009, pela Coordenação Geral de Professores (CGFORM), em parceria com a Coordenação Geral de Educação Infantil (COEDI), da Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares para Educação Básica, com a participação de Universidades parceiras do MEC executoras do Proinfantil. A oferta da Especialização teve início em 2010, com a adesão de 13 universidades e posteriormente várias outras aderiram, e com um total de 2.955 professores matriculados. A UFRGS ofereceu o primeiro curso em parceria com o MEC em 2012, com uma segunda reedição em 2014 até 2016. Cabe referir que especialmente neste último foi incluído no currículo do curso uma disciplina específica sobre gênero e sexualidade e ERER. No entanto, a área de Educação Infantil da FAGED/UFRGS já ofertava cursos de especialização desde o ano 2000 (até o ano de 2008 foram ofertadas 9 edições), todas elas contemplando as questões de gênero e sexualidade na infância, além das temáticas sobre racismo.

na abordagem das temáticas de gênero dentro das universidades.¹³ A autora ainda destaca que o curso de especialização em *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, ofertado entre 2009 e 2011 na FAGED, "impulsionou a produção sobre a temática, apresentando 60% dos TCCs de especialização sobre esse campo de estudo. Infere-se que a presença do GEERGE tenha influenciado a produção nesta área na UFRGS" (MEDEIROS, 2018, p. 79).

Além disso, como evidenciam Cristiano Eduardo da Rosa e Michele Lopes Leguiça (2019), um projeto de extensão desenvolvido pelo GEERGE entre os anos de 2004 e 2009 se configurou como iniciativa de suma importância para o debate sobre gênero e sexualidade por meio da arte. O Ciclo de Cinema do GEERGE, que ocorria na Sala Redenção, Campus Central da UFRGS, teve cinco edições e sempre contava com a exibição de um filme e, logo após, uma conversa sobre o longa com a presença de dois ou três convidados de variadas áreas, como analistas culturais, antropólogos/as, cineastas, educadores/as e psicólogos/as.

Pedofilização e *scripts* de gênero: problematizações sobre a erotização dos corpos infantis

O conceito de pedofilização foi elaborado e utilizado pela primeira vez em 2002 pela professora Jane Felipe, para se referir à prática social contemporânea de erotização dos corpos infantis, tão presente na nossa cultura. Tal termo começou a ser delineado em um capítulo de livro, intitulado *Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação* (FELIPE, 1999a), e em outro artigo publicado na revista *Pátio*, a saber: *Construindo identidades sexuais na Educação Infantil* (FELIPE, 1999b). Apesar de ainda não utilizar, nesses textos, a palavra "pedofilização", a ideia de problematizar a erotização dos corpos infantis já estava presente.

No entanto, as pesquisas desenvolvidas a partir de 2002 no eixo temático coordenado pela referida pesquisadora já traziam o conceito, como fica evidenciado nos títulos de suas pesquisas, a saber: *Infância, Sexualidade e Gênero: discutindo a*

¹³ Na tese da Psicologia intitulada *A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política*, Martha Giudice Narvaz (2009) pontuava, àquela época, que poucos trabalhos produzidos pela UFRGS operavam com o conceito de gênero, evidenciando o GEERGE como um dos grupos mais antigos da universidade. No levantamento, a autora citava o campo da Educação como o que mais trabalhava com a temática, apontando, entre outros, o projeto de pesquisa *Pedofilização como prática social contemporânea: Análise cultural a partir dos Estudos de Gênero* (2006) como exemplo.

'pedofilização' da sociedade e o consumo dos corpos infantis, desenvolvida entre os anos de 2002 a 2004. No ano seguinte, ao organizar com Guacira Louro e Silvana Vilodre Goellner o livro *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*, Jane Felipe utiliza pela primeira vez o conceito, possibilitando assim uma maior visibilidade e adensamento teórico. O conceito de pedofilização pretende

(...) pontuar as contradições existentes na sociedade atual, que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas, seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos –, seja por intermédio de músicas, filmes, etc., onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados (FELIPE, 2003a, p. 216).

Tais discussões remetem ao fato de que o corpo infantil é potencialmente erótico, ou seja, é por meio dele que a criança experimenta inúmeras sensações e prazeres. No entanto, a questão a ser pontuada é: como e com que finalidade a sociedade tem potencializado essa erotização de forma cada vez mais precoce nas crianças? O que as políticas públicas têm feito em relação ao tema?

Desse modo, o conceito de pedofilização se refere não apenas à exposição dos corpos infantis, colocados como objetos de desejo e consumo, interferindo nas formas de se vestir, de se maquiar, de andar, de se comportar das crianças, especialmente das meninas, mas também na ideia de exploração do universo “infantil” como potencialmente erótico, em que a infância é acionada como fetiche para temática da sedução. Não por acaso, há muitas situações em que as mulheres adultas são incentivadas a se fantasiarem de meninhas, participando de ensaios sensuais ou mesmo se submetendo a procedimentos corporais para se aproximarem dessa ideia de um corpo infantil.

Na sequência, outros projetos de pesquisa “guarda-chuva” desenvolvidos no eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade*, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS se sucederam, tais como *'Pedofilização' como prática social contemporânea: uma análise cultural a partir dos Estudos de Gênero* (2005 - 2008) e *Erotização dos corpos infantis, pedofilia e pedofilização da contemporaneidade* (2009 - 2012).

Em 2009, em seus estudos de pós-doutorado, Felipe entra em contato com a obra de Richard Poulin, intitulada *Sexualisation précoce et pornographie* (2009), especialmente no capítulo II, *La pornographisation de la culture*, encontrando assim alguma similaridade com as discussões que vinha realizando com seus pares, expressas na publicação da Cadernos Pagu, com o artigo *Afinal, quem é mesmo pedófilo?* (FELIPE, 2006a). Destacamos também o trabalho da pesquisadora Tatiana Savoia Landini (2006), intitulado *Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração*, assim como outros trabalhos publicados no mesmo dossiê publicado pelos Cadernos Pagu.

Portanto, durante esse período, já operando com o conceito nomeado, diversos artigos em periódicos e capítulos de livros de sua autoria também foram publicados (FELIPE, 2003; 2006b; 2010; 2012a, 2012b; 2012c). Além disso, também foram publicados alguns outros textos escritos em parceria com orientandos/as de mestrado e doutorado do eixo temático, como: *Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo* (FELIPE; GUIZZO, 2003); *Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet* (PRESTES; FELIPE, 2015); e *O que precisamos saber sobre pedofilia e pedofilização: aspectos médicos, jurídicos e culturais* (IZIDRO; FELIPE, 2018) – e ainda outros trabalhos apresentados e publicados em anais de eventos científicos por orientandos/as, produções acadêmicas de outros/as pesquisadores/as e palestras em eventos e entrevistas.¹⁴

Cabe destacar também que a produção de três trabalhos de conclusão de cursos que focaram no conceito de pedofilização: a monografia de especialização *Discutindo pedofilia e pedofilização* (MARTINS, 2008), a dissertação de mestrado *Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil*, da professora e deputada federal Maria do Rosário Nunes (2009) e a tese de doutorado *Onde estão as meninas? Tensionando o conceito de exploração sexual a partir dos estudos sobre pedofilização e relações de gênero*, da psicóloga Monise Serpa (2016)¹⁵.

Cabe destacar que, a princípio, o conceito de pedofilização se desdobrava nesses dois aspectos: (i) a contradição existente entre as leis que visam proteger as crianças e a

¹⁴ Destacamos a reportagem da Revista Galileu que publicou uma entrevista sobre o conceito de pedofilização com a referida professora no ano de 2016. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2016/05/sociedade-convoca-os-olhares-para-que-desejem-essas-meninas-diz-pesquisadora.html>>. Acesso em: 24 fev. 2022.

¹⁵ Outro texto produzido, *Pesquisas sobre violência/abuso sexual contra crianças e adolescentes e as práticas de pedofilização na contemporaneidade: uma questão de gênero?* (FELIPE, 2012), foi um trabalho encomendado pelo GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação, da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), em encontro ocorrido em Porto de Galinhas/PE.

lógica do consumo que as visibiliza como sendo corpos desejáveis eroticamente; (ii) a exploração do universo considerado “infantil” com certo potencial erótico e a infância operada como fetiche para a prática da sedução. No entanto, a partir de 2016, Felipe o desdobra em um terceiro marcador, entendendo-o como uma violência, uma vez que tal erotização dos corpos infantis funciona como uma espécie de preparação e normalização do assédio, abrindo caminho para a violência sexual em forma de abuso e exploração.

Em relação ao uso da expressão *scripts* de gênero, ela passou a ser utilizada no eixo temático a partir da analogia com o campo da arte, uma vez que os *scripts* consistem em roteiros por meio dos quais autores/as, diretores/as e roteiristas vão determinando as cenas, apontando definições e marcações que atores, atrizes ou apresentadores/as devem ter, o que devem dizer, como devem se comportar, de que forma precisam agir nas situações previstas, etc. Tais prescrições se dão a partir de determinadas expectativas, porém estas podem ser rompidas, burladas, tensionadas de alguma forma. Ao tomar de empréstimo o referido termo a partir de sua importância no teatro, no cinema e na televisão, Felipe procurou estabelecer uma relação entre essas instâncias culturais e aquilo que acontece na sociedade, em seus mais variados segmentos.¹⁶

Dessa forma, os *scripts* (ou roteiros) fundamentam e potencializam as discussões sobre gênero e sexualidade, assim como articulam outros estudos sobre tais expectativas que se estabelecem em torno das feminilidades e masculinidades. É importante observar e tensionar o fato de que tais identidades são delineadas a partir de um corpo biológico, ou seja, é a partir da anatomia dos órgãos genitais que se nomeia o sujeito como menino ou menina e daí se cria expectativas em torno das expressões de gênero. Caso essas não sejam seguidas, podem ocorrer sanções e práticas excludentes, marginalizando e tratando sujeitos como “anormais” a partir de suas possíveis diferenças, transformadas em desigualdades.

O conceito de *scripts* de gênero (FELIPE, 2016; 2019) também opera em contraposição aos problemáticos termos de “estereótipos” e “papéis” de gênero, uma vez que a ideia de um roteiro, ao mesmo tempo em que tenta conduzir as ações das pessoas, também permite, de certa forma, possibilidades de rompimentos, negociações e

¹⁶ Cabe mencionar que na década de 70 o conceito de “*scripts* sexuais” foi formulado pelos pesquisadores John Gagnon e William Simon. Jeffrey Weeks (2016), no livro organizado por Guacira Louro *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*, faz menção a este conceito.

subversões desses *scripts*. Louro (1997) observa que, embora tais expressões sejam utilizadas por muitas pessoas, a concepção de “papéis” (e também de estereótipos) pode se mostrar redutora ou simplista. Segundo a autora

Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais. As desigualdades entre os sujeitos tenderiam a ser consideradas no âmbito das interações face a face. Ficariam sem exame não apenas as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades, como também as complexas redes de poder que (através das instituições, dos discursos, dos códigos, das práticas e dos símbolos...) constituem hierarquias entre os gêneros (LOURO, 1997, p. 28).

Com a proposição dos *scripts* de gênero, diversos trabalhos têm sido produzidos desde então¹⁷, dentre os quais se destacam dois artigos publicados em livros. O primeiro, em parceria com Bianca Salazar Guizzo, chamado *Rompendo com os scripts de gênero e de sexualidade na infância* compõe um dos capítulos do livro *Educação em um mundo em tensão: insurgências, transgressões, sujeições* (SARAIVA; GUIZZO, 2017). Já o segundo, em parceria com Eduardo Zanette, fala *Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tensiona os scripts de gênero* (ZANETTE; FELIPE, 2017)¹⁸.

Em 2019 foi publicado o livro "Para Pensar a Docência na Educação Infantil" (ALBUQUERQUE; FELIPE; CORSO, 2019), no qual Felipe problematiza mais a fundo o conceito em um capítulo específico, chamado *Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente*. No mesmo ano, há a publicação do artigo *Eu não sou um homem fácil: scripts de gênero e sexuais em tela e na Educação* (ROSA; FELIPE; LEGUIÇA, 2019) e a defesa de três dissertações de orientandos/as que operam com o conceito: *Atira no coração dela: scripts de gênero e controle dos corpos infantis* (LEGUIÇA, 2019), *"Minha mãe não pode falar nada que meu pai fica bravo": violências de gênero a partir do olhar das crianças* (MORAES, 2019) e *Educação, infâncias e arte drag: a literatura para crianças tensionando os scripts de gênero* (ROSA, 2019).

¹⁷ Destacam-se os seguintes trabalhos: *Dos enigmas da infância: transexualidade e tensionamentos dos scripts de gênero* (ZANETTE, 2016) e *Literatura Infantil e scripts de gênero: com a palavra as crianças* (OLIVEIRA, 2016). Ver ainda o Trabalho de Conclusão de Curso *Scripts de gênero e as brincadeiras na educação infantil* (GONÇALVES, 2017).

¹⁸ Também em 2017, outro TCC do curso de Pedagogia operou com o conceito, orientado pela professora Dra. Gládis Kaercher, com o título *Os scripts de gênero na educação infantil* (MENDONÇA, 2017).

Além disso, foi publicado o capítulo de livro *Uma Diva Dentro de Mim: descobertas femininas sobre scripts de gênero no processo de montagem drag queen* (ROSA; FELIPE, 2019), e uma nova dissertação, *Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea* (COSTA, 2020), também orientada por Felipe no âmbito do PPGEDU/UFRGS. No entanto, apesar de operarmos com tal conceito, sabemos o quanto as definições escorregam e precisam passar sempre por adensamentos teóricos, no diálogo com outros campos do conhecimento.

Considerações finais: entre percalços e esperanças

Iniciamos este artigo com um questionamento no título: o que pode a produção teórica de um grupo de pesquisa? Acompanhando a pergunta, procuramos discutir como se deu a construção dos dois conceitos principais operados pelas pesquisas dos/as integrantes do eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade* da linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero* (PPGEDU/FACED/UFRGS), a saber: pedofilização e *scripts* de gênero. Ambos os conceitos têm sido cada vez mais difundidos pelo grupo em suas produções acadêmicas e divulgações científicas, estabelecendo novos modos de pensar e problematizar a erotização dos corpos infantis e as expectativas sobre os sujeitos a partir de seus gêneros.

O eixo temático em destaque neste artigo, em articulação estreita com o GEERGE e com o GEIN, tem se dedicado a desenvolver pesquisas que problematizam corpo, gênero e sexualidade nos seus atravessamentos com as infâncias, pensando tanto na constituição das identidades infantis quanto na atuação de docentes que trabalham na Educação Infantil. Para tanto, tem-se investido em pesquisas preocupadas em ouvir o que as crianças têm a dizer e não apenas discorrer sobre elas. Desta forma, do total de 15 dissertações defendidas no eixo temático, 7 delas tiveram a participação das crianças (atualmente temos a 16ª em andamento). Já em relação às 15 teses de doutorado desenvolvidas, 10 delas ouviram efetivamente as crianças.¹⁹

¹⁹ Atualmente o eixo temático *Infâncias, gênero e sexualidade* tem como integrantes uma mestrandia, cinco doutorandos/as e duas pós-doutorandas - sendo duas professoras da Educação Básica, uma professora de Educação Especial, duas professoras universitárias, uma bibliotecária, um orientador pedagógico e um diretor de escola de Educação Infantil. As temáticas das pesquisas em andamento se centram nas questões de infâncias, gênero e sexualidade articuladas com raça, Educação Infantil, orfandade pelo Covid-19, pedofilização, transidentidades, violência/abuso sexual, paternidades, profissionalização das crianças, literatura e direitos das crianças.

Mobilizados pelo questionamento "o que podemos aprender com um grupo de estudos?", Jane Felipe e Alexandre Bello (2019) salientam que, para além de parcerias intelectuais na produção teórica e metodológica, desenvolvimento de conceitos e articulação das temáticas de corpo, gênero e sexualidade nos âmbitos do ensino, da pesquisa e da extensão, um grupo de pesquisa também fomenta parcerias afetivas, integrando pesquisadores e pesquisadoras de outras áreas e interesses, em um constante movimento de desafios e trocas.

Destacamos que trabalhos como este, que evidenciam a produção teórica desenvolvida por determinados grupos de pesquisa, têm também relevância ao situar como certos conceitos foram se constituindo e demarcando o território dessas concepções. No entanto, é importante pontuar que não raras vezes pesquisadores/as são surpreendidos/as por situações no meio acadêmico – e também fora dele, especialmente nas redes sociais – em que a utilização dos conceitos não é devidamente referenciada em relação às autorias. Isto significa dizer que, em tempos de tecnologias que facilitam o acesso *online* aos mais diversos trabalhos de pesquisa e publicações, tem havido de forma recorrente a utilização indevida de conceitos e teorizações que foram exaustivamente pensados e trabalhados por pesquisadores/as ao longo de muitos anos, sem que lhes sejam dados os devidos créditos epistêmicos e teórico-metodológicos.

É necessário lembrar que para a elaboração de uma pesquisa, são acionadas determinadas teorizações e metodologias, que são revisitadas, tensionadas ou mesmo ressignificadas, envolvendo preocupações éticas em relação a todas as pessoas que dela participam, implicando assim em grandes investimentos de tempo, dedicação e disponibilidade para aprender e também propor, pois uma pesquisa não se constrói sozinha, mas se alimenta no debate profícuo entre os pares e também fora dele, em contextos distintos e, muitas vezes, adversos. Além disso, outra dificuldade encontrada, mas não menos importante, diz respeito à escassez de recursos em relação aos aportes financeiros, cada vez mais ausentes nesses tempos sombrios, de reiterada desvalorização da ciência e do trabalho intelectual como um todo. Apesar desses percalços, seguimos adiante, vislumbrando uma esperança, que se move no desafio de alcançarmos a equidade de gênero, no combate incansável a todas as formas de violência.

Referências

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; RABAY, Glória. Usos e incompreensões do conceito de gênero no discurso educacional no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 312, p. 119-136, jan./abr. 2015.

COSTA, Vanessa Rosa da. *Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea*. 2020. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

DAL'IGNA, Maria Cláudia; POCAHY, Fernando (Orgs.). *Produção de conhecimento em gênero, sexualidade e educação: subversões, resistências e reexistências*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

FELIPE, Jane, GUIZZO, Bianca Salazar; BECK, Dinah Quesada (Orgs.). *Infâncias, gênero e sexualidade nas tramas da cultura e da educação*. Canoas: ULBRA, 2013.

FELIPE, Jane. "Vinde a mim as criancinhas": pedofilização e a construção de gênero nas mídias contemporâneas. In: PELÚCIO, Larissa; SOUZA, Luís Antonio Francisco de; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de; SABATINE, Thiago Teixeira (Orgs.). *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília; São Paulo: Oficina Universitária; Cultura Acadêmica, 2012c. p. 87-95.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006a.

FELIPE, Jane. Construindo identidades sexuais na Educação Infantil. *Revista Pátio*, Porto Alegre, n. 7, p. 56-58, nov. 98/jan. 1999b.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação. In: SILVA, Luiz Heron (Org.). *Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999a. p. 167-179.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FELIPE, Jane. Infâncias, sexualidades e pedofilização: o corpo feito espetáculo. In: GONÇALVES, Jadson; RIBEIRO, Joyce; CORDEIRO, Sebastião. (Org.). *Pesquisa em educação: territórios múltiplos, saberes provisórios*. Belém: Açaí, 2010. p. 93-102.

FELIPE, Jane. Pedofilização como prática social contemporânea nos sites para crianças. *Revista Direitos Humanos*, n. 8, p. 31-34, jan. 2012a.

FELIPE, Jane. Pesquisas sobre violência/abuso sexual contra crianças e adolescentes e as práticas de pedofilização na contemporaneidade: uma questão de gênero? Trabalho encomendado apresentado. *35ª Reunião anual da ANPED*, GT 23, Porto de Galinhas-PE, 2012b.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 2, n. 3, p. 41-54, 2006b.

- FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero na educação infantil. *Revista Pátio – Educação Infantil*, ANO XIV, n. 48. Porto Alegre: Artmed, jul./set. 2016. p. 4-7.
- FELIPE, Jane. *Scripts* de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). *Para Pensar a Docência na Educação Infantil*. Porto Alegre: Evanfrag, 2019. p. 238-250.
- FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre. Das parcerias intelectuais e afetivas: o que podemos aprender com um grupo de estudos. *Momento – Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 167–180, set./dez. 2019.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 119-129, set./dez. 2003.
- FERREIRA, Márcia Ondina Vieira; KLUMB, Márcia Cristiane Völz; MONTEIRO, Maria Cecília Madruga. Mapeando a produção sobre gênero e sexualidades na ANPED. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10* (Anais Eletrônicos), Florianópolis, p. 1-10, 2013.
- GONÇALVES, Manoela de Calazans. *Scripts de gênero e as brincadeiras na educação infantil*. 2017. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2017.
- GUIZZO, Bianca Salazar; FELIPE, Jane. Rompendo com os *scripts* de gênero e de sexualidade na infância. In: SARAIVA, Karla; GUIZZO, Bianca Salazar (Orgs.). *Educação em um mundo em tensão: insurgências, transgressões, sujeições*. Canoas: Ulbra, 2017. p. 219-228.
- HOPPEN, Natascha Helena Franz Hoppen. *Retratos da pesquisa brasileira em estudos de gênero: análise cientométrica da produção científica*. 2021. 388 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- IZIDRO, Lúcio; FELIPE, Jane. O que precisamos saber sobre pedofilia e pedofilização: aspectos médicos, jurídicos e culturais. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SANTOS, Marcos Eduardo Miranda; SILVA, Yuri Jorge Almeida da (Org.). *A Discussão da Pedofilia no Campo da Educação*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 23-40.
- LANDINI, Tatiana Savoia Landini. Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração. *Cadernos Pagu*, n. 26, p. 225-252, jun. 2006.
- LEGUIÇA, Michele Lopes. “*Atira no coração dela*”: corpos e *scripts* de gênero na educação infantil. 2019. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- MARTINS, Bianca Teixeira. *Discutindo pedofilia e pedofilização*. 2008. Monografia (Especialização em Educação Infantil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2008.
- MEDEIROS, Thais Dias. *A produção científica sobre estudos de gênero no repositório digital da UFRGS: um estudo bibliométrico*. 2018. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- MENDONÇA, Fernanda da Silva. *Os scripts de gênero na educação infantil*. 2017. 38 f. Trabalhos de Conclusão de Curso de Graduação (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- MORAES, Jéssica Tairâne de. *"Minha mãe não pode falar nada que meu pai fica brabo": violências de gênero a partir do olhar das crianças*. 2019. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- NARVAZ, Martha Giudice. *A (in)visibilidade do gênero na psicologia acadêmica: onde os discursos fazem(se) política*. 2009. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- NUNES, Maria do Rosário. *Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no brasil*. 2009. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2009.
- OLIVEIRA, Fernanda Bittencourt de. *Literatura Infantil e scripts de gênero: com a palavra as crianças*. 2016. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência na Educação Infantil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2016.
- POULIN, Richard. *Sexualisation précoce et pornographie*. Paris: la Dispute, 2009.
- PRESTES, Liliâne Madruga; FELIPE, Jane. Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. *Pesquisa em Foco*, São Luís, v. 20, n. 2, p. 4-20, 2015.
- ROSA, Cristiano Eduardo da. *Educação, infâncias e arte drag: a literatura para crianças tensionando os scripts de gênero*. 2019. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- ROSA, Cristiano Eduardo da; LEGUIÇA, Michele Lopes. Ciclo de cinema do GEERGE: a arte promovendo o debate sobre gênero e sexualidade. *Momento – Diálogos em Educação*, Rio Grande, v. 28, n. 3, p. 11-25, set./dez. 2019.
- ROSA, Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane; LEGUIÇA, Michele Lopes. Eu não sou um homem fácil: *scripts* de gênero e sexuais em tela e na educação. *Revista Prâksis*, Novo Hamburgo, a. 16, n. 2, mai./ago. 2019, p. 284-300.

ROSA; Cristiano Eduardo da; FELIPE, Jane. Uma Diva Dentro de Mim: descobertas femininas sobre *scripts* de gênero no processo de montagem *drag queen*. In: RIBEIRO, Joyce Otânia Seixas; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma Nonato de; MENDES, Sandra Karina Barbosa (Orgs.). *Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos*. Curitiba: CRV, 2019. p. 65-80.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; SILVA, Raimundo José Pereira da. Infância, Educação Infantil e Educação Sexual. In: SÁ-SILVA, Jackson Ronie (Org.). *Ensino de Ciências e Educação para a Diversidade*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 152-171.

SANTOS, Gabriela da Silva. *Gênero, sexualidade e sexismo na educação infantil e sua presença nas produções acadêmicas*. 2015. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SERPA, Monise Gomes. *Onde estão as meninas? Tensionando o conceito de exploração sexual a partir dos estudos sobre pedofilização e relações de gênero*. 2016. 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2016.

VIANNA, Claudia Pereira; UNBEHAUM, Sandra. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. *Cadernos de Pesquisa*, v. 34, n. 121, p. 77-104, jan/abr 2004.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ZANETTE, Jaime Eduardo. *Dos enigmas da infância: transexualidade e tensionamentos dos scripts de gênero*. 2016. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Docência na Educação Infantil) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2016.

ZANETTE, Jaime Eduardo; FELIPE, Jane. Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tensiona os *scripts* de gênero. In: ALBUQUERQUE, Simone Santos de; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana Vellinho (Orgs.). *Para se pensar a educação infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil*. Porto Alegre: Evangraf, 2017. p. 17-35.

Recebido em maio de 2022.

Aprovado em junho de 2022.